



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DISCIPLINA DE HISTÓRIA
ATIVIDADE DOMICILIAR 04
3º ANO – G
PROFESSOR: Luciano Scheffer
Abril 2020



ATIVIDADE 04

TEMA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

- 1- Sugestão de vídeo: *Primeira Guerra Mundial - " Fim de uma Era" - Edição*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rbyk-szcPFU> [acesso em 22 de abril de 2020].
- 2- Servindo-se do material sugerido (vídeos e textos) ou de outros materiais de que disponhas, responda:
 - a. A Belle Epoque foi um período iniciado ao final do século XIX e que se estendeu até antes da I Guerra Mundial e foi marcado por inovações e expansões culturais e técnicas, considerada por muitos como uma era de ouro européia. Caracteriza esse período quanto a situação econômica, o desenvolvimento técnico-científico, as políticas públicas e outras alterações relevante para a vida do Homem da época.
 - b. O mundo entre o final do século XIX e o começo do século XX havia muito se transformado em relação aos períodos anteriores da História. Contudo, quando temos notícias de potências internacionais desenvolvendo maiores e mais poderosas armas e se envolvendo em disputas sobre outras regiões do planeta, sempre com algum grau de ameaça de guerra, há quem diga que vivemos uma nova era de Paz Armada. Conceitue Paz Armada – no contexto do período anterior à I Guerra Mundial.
 - c. Para ti, atualmente, estaríamos vendo uma nova era de Paz Armada? Por quê?
 - d. Considera-se como estopim da I Grande Guerra o assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand da Áustria-Hungria em junho de 1914. Entretanto, um conjunto de fatores parecia encaminhar o Mundo europeu ao conflito e que vieram somar-se ao histórico crime, precipitando os fatos. Que fatores eram esses que dão causa à Grande Guerra?
 - e. O desenrolar da Guerra pode ser demarcado por três momentos, sendo o terceiro aquele que definiu os rumos dos acontecimentos. Explique.
 - f. Por que o Tratado de Versalhes é colocado com um dos fatores para o desencadeamento da II Guerra Mundial?

Observação: Para esta atividade, é recomendado servir-te, também, dos textos auxiliares da atividade anterior.

TEXTOS AUXILIARES

BELLE EPOQUE. Educa mais Brasil. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/belle-epoque> . Acesso em: 22 de abril de 2020. [Adaptado].

CONDE, Gerardo Acerves. A Primeira Guerra Mundial. Faculdades INTA, 2006. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-contemporanea/#/unidade-cinco> . Acesso em: 22 de abril de 2020.

BELLE EPOQUE

Época de progresso tecnocientífico dos países europeus

A **Belle Epoque** pertence a língua francesa e refere-se a um período que ficou conhecido na História Moderna como “**bela época**”. Vivenciada pelos países da Europa, ocorreu no final do século XIX, logo após a **Guerra Franco-Prussiana** (1870-1871), e início do século XX, quando apontaram-se os indícios bélicos da Primeira Guerra Mundial.

Os governantes das potências europeias, principalmente da França, adotaram uma política de estabilidade econômica que impulsionou o crescimento do comércio, a urbanização e o êxodo rural em muitas cidades.

Na Belle Epoque muitos países europeus passaram por um intenso processo de industrialização e **progresso** tecnocientífico. O resultado disso foi a dinamidade das cidades, uma cultura do divertimento e a prosperidade material das pessoas que passaram a cultivar uma vida mais boêmia nos grandes centros.

Destaca-se ainda o grande investimento nas pesquisas científicas, ou seja, valorização do **cientificismo**. Uma vez que surgiu nesse período inúmeras inovações caracterizaram o progresso civilizacional nunca visto antes, como os alimentos de melhor qualidade, luz elétrica e meios de transporte rápidos e eficientes pelas ruas.

Inclusive, foi o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e dos meios de transporte que fomentaram a cultura urbanística e da diversão. Pessoas de várias classes sociais passaram a frequentar novos espaços dentro dos centros urbanos europeus.

Outro fator muito importante realizado na Belle Epoque foram os investimentos em políticas públicas higienistas. As metrópoles puderam garantir uma saúde pública de qualidade e menos insalubre graças a diminuição de epidemias e doenças infectocontagiosas.

Entre esses investimentos estava as pesquisas do cientista francês **Louis Pasteur**, que logrou grande contribuição para a medicina higienista com a criação da **vacina antirrábica**.

Na obra “Anos vertiginosos: mudança de cultura no Ocidente (1900-1914)” o jornalista e historiador **Philipp Blom** fez a seguinte afirmação acerca das mudanças tecnológicas e culturais ocorridas na Belle Epoque nas sociedades europeias:

“Velocidade e euforia, angústia e vertigem eram temas recorrentes entre 1900 e 1914, quando as cidades explodiram em suas dimensões e as sociedades foram transformadas, a produção em massa entrou para a vida cotidiana, os jornais tornaram-se impérios das comunicações, o público de cinema contava-se às dezenas de milhões e a globalização trazia aos pratos dos britânicos carne da Nova Zelândia e cereais do Canadá, aniquilando a venda de velhas classes fundiárias e promovendo a ascensão de novos tipos: engenheiros tecnocratas, as classes urbanas.”

Paz armada

Os avanços tecnológicos da Belle Epoque voltaram-se também para os investimentos em armas de guerra, como canhões, carros blindados, metralhadoras, gases tóxicos, etc. Por isso, houve o contraponto negativo desse progresso que foi chamado de **paz armada**.

Muitos países começaram a competir pela hegemonia mundial, ou seja, entraram na frenética competição para obter o título de mais desenvolvido ou mais influente economicamente. Nesse momento, começaram a surgir as feiras de ciências a fim de enaltecer o desenvolvimento tecnológico de cada país. A feira de Paris foi um exemplo disso, com 24 mil apresentações.

Durante a Belle Epoque houve muitos críticos desse progresso material, a exemplo do psiquiatra austríaco **Sigmund Freud**. Ele acreditava que no futuro a massa iria sofrer as consequências do alto desenvolvimento industrial aliado as rivalidades entre nações.

A Primeira Guerra Mundial foi a finalização do clima de otimismo plantado na Belle Epoque e previsto pelos críticos.

BELLE EPOQUE. Educa mais Brasil. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/belle-epoque>. Acesso em: 22 de abril de 2020. [Adaptado].

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Por Gerardo Acerves Conde, bacharel em Filosofia pela Universidade Pontifícia. Licenciado em Ciências Eclesiásticas pela Universidade de Navarra, Espanha. Bacharel em Teologia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelas Faculdades INTA. Licenciado em Letras Espanholas, pela Universidade Federal do Ceará. Mestrando em Gerontologia, pela Universidade Aveiro-Portugal. Atualmente é professor de Língua Espanhola e Formação Humana na Escola Profissionalizante Dom Walfrido T. Vieira e professor universitário, lecionando várias disciplinas na área de humanas.

O continente europeu sempre teve uma história agitada. O Século XIX tinha findado trazendo progresso cultural e bem-estar material a Europa. Os avanços científicos refletiam-se no prolongamento da vida e até os operários tinham deixado de sofrer a fome e a dor que tinham padecido no início do século. Embora ainda estivessem na pobreza, os

sindicatos e os partidos socialistas esforçavam-se por garantir um mínimo de condições e de proteção social. No começo do século XX, Europa encontrava-se no ápice de seu poder e os Estados europeus repartiam o mundo entre si com seus impérios coloniais. A civilização europeia servia de modelo de civilização em todas as partes do Globo. Ainda que a Rússia e a Áustria-Hungria carecessem de liberdade política, o povo vivia em condições mais ou menos civilizadas.

De fato os povos europeus nunca tinham vivido melhor do que no começo do século XX. Porém esse crescimento econômico e social acompanhou o desenvolvimento da chamada segunda revolução industrial, a qual se caracterizou por uma série de mudanças que desafiaram as nações a conseguir territórios onde expandir-se e satisfazer suas necessidades. Essas mudanças referem-se aos novos tipos de energia (petróleo e eletricidade); novos setores de produção (químico, siderúrgico e de alimentação); novas formas de organização laboral taylorismo, a concentração dos capitais em torno das grandes agrupações monopolizadoras e a crescente globalização da economia.

Taylorismo:

Refere-se à forma de produção em série, idealizada pelo economista F. Taylor († 1815), na qual se cortam gastos e se aprimora o tempo e a matéria prima com o trabalho especializado e repetitivo, movido à base de metas que os operários devem alcançar em um período predeterminado de tempo.

Ao mesmo tempo surgiram novas potências industriais, Estados Unidos e Japão, que se aliaram à Grã Bretanha, à França e à Alemanha. A Alemanha, sempre mais competitiva e com uma indústria mais moderna, se colocou como líder incontestável em setores de produção como o siderúrgico e o químico, ao tempo que se converteu em um acérrimo competidor comercial da Inglaterra, tanto na Europa (Bélgica, Holanda e Rússia) quanto nas colônias.

Essa foi a causa de cultivo que elevaria progressivamente as tensões entre os países e os levariam a investir na indústria bélica.

Porém a competição entre exportadores alemães e ingleses era muito dura em quase todos os mercados europeus (...) Em 1898, as compras efetuadas por França na Alemanha chegavam apenas a três quintos das que eram efetuadas por ela na Grã Bretanha. Em 1913, as importações alemãs e inglesas encontravam-se quase no mesmo nível. Na Bélgica, onde em 1898, eram mais importantes as importações inglesas que as alemãs, agora as alemãs ultrapassavam em 200 milhões de francos belgas às inglesas. Os holandeses compraram, em 1913, 1.051 milhão de florins em mercancias alemãs, e somente 356 milhões em mercancias inglesas. Na Itália, onde o comércio inglês tinha conservado clara preponderância até finais do século XIX, a situação tinha se invertido; as importações alemãs (626 milhões de liras) ultrapassavam 50 milhões de liras em 1912 às importações inglesas. Na Rússia, as importações alemãs chegaram a quadruplicar as importações inglesas. Por último, a supremacia do comércio alemão sobre o inglês, desde 1890 na Romênia e desde 1901 na Sibéria, chegou em 1911 a Bulgária (RE-NOUVM, 1990).

Durante o século XIX a Grã Bretanha e a França tinham dividido entre si a maior parte do mundo, e no início do século XX o poderio econômico alemão superou àquelas duas potências. No entanto, esse poderio não lhe tinha garantido mais territórios dos que possuía em Togo, Camarões e alguns arquipélagos no Pacífico. Justificando sua necessidade de expandir-se territorialmente na Europa e na ultramar, Alemanha não ocultava suas ânsias expansionistas, para desagrado das potências tradicionais, suas competidoras, que trataram de impedir Alemanha de se expandir. Em torno dessa tensão aconteceram alguns episódios conhecidos como

a antessala da I Guerra Mundial. Foram os episódios das crises dos Bálcãs e de Marrocos.

A antessala da I Guerra Mundial – Banhada pelo Mar Adriático, o Mar Egeu e o Mar Negro, ao sudeste da Europa, encontra-se uma região montanhosa chamada Península Balcânica. Atualmente dividem sua administração Albânia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Eslovênia, Grécia, Itália, Kosovo, Macedônia, Montenegro, Romênia Servia e a região europeia de Turquia, Istambul. Na península fala-se ainda hoje uma grande variedade linguísticas, sendo a mais comum a língua eslava (búlgaro, servo-croata, esloveno e macedônio), mas também, fala-se a língua grega, a albanesa, a romana e outras línguas latinas como a moldávia. Em algumas regiões fala-se o húngaro, o alemão, o turco o romani (dialetos falados por ciganos) e outras línguas ciganas. Ainda há judeus que falam o yiddish, o dialeto que falavam os judeus na Espanha, antes de sua expulsão (em 1492).

Atualmente é fácil pensar nas dificuldades que podem surgir quando tantas culturas, línguas e religiões convivem em um espaço tão pequeno. Imaginar que cada uma dessas culturas pretenda formar um Estado independente, ou que alguém pretenda uni-las basta uma só autoridade, permite-nos deduzir que como resultado somente pode surgir o caos.

No entanto, foi o que aconteceu na primeira década do século XX, entre 1907 e 1909, quando Sérvia pretendeu a união de todas as minorias para formar a União dos estados Eslavos do Sul, Yugoslávia. Aproveitando a instabilidade, Rússia e Áustria interferiram. Rússia pretendeu anexar a seu território uma saída ao Mar Mediterrâneo, e deu apoio a Sérvia. Áustria-Hungria, que na época não tinha mais colônias, pretendia estender-se para o sul. A tensão entre as duas potências aumentou por causa de Bósnia, que se incorporou a Áustria aliando-se a Alemanha, que por sua vez exigiu do Czar o reconhecimento dessa união. Quatro anos mais tarde haveria guerra entre os povos da Península Balcânica.

A primeira crise no Marrocos (1904-1906) estourou pelas pretensões francesas de criar um protetorado em Marrocos, ao que se opuseram Espanha e Alemanha, que também tinham interesses nesse território. Alemanha viu a oportunidade de deter a expansão colonial francesa e de obter ainda ganâncias territoriais, em tanto que a Inglaterra apoiou à França em troca dela renunciar a apropriar-se do Egito. Espanha, por outro lado, obteve o apoio da França para ficar com uma parte do território marroquim. A grande perdedora nessa divisão foi Alemanha, que se levantou para garantir a independência dos governos locais contra o imperialismo francês.

Em março de 1905 o imperador Guilherme II visitou o Tânger, e a tensão cresceu ainda mais entre alemães e franceses, a ponto de ficarem próximos da guerra. Para evitá-la, em 1906 se realizou a Conferência de Algeiras. Nela, as potências participantes admitiram a independência do Marrocos e reconheceram a soberania do Sultão Muley Hafiz e a tutela francesa. Em contra partida, acordaram o livre comércio em Marrocos de todas as nações assinantes e permitiram a Espanha controlar o norte da cordilheira do Rif (o Marrocos espanhol).

O conflito internacional podia ter iniciado já nesta crise, pois França e o Reino Unido tinham assinado em 1904 o pacto conhecido como Entente Cordiale. Três anos depois, a Rússia passaria a formar parte dele, formando a que haveria de chamar-se mais tarde, a Tríplice Entente.

A segunda crise marroquina aconteceu em 1911, quando França transgrediu o Tratado de Algeiras. Para fazer valer seus direitos, Alemanha enviou o navio de guerra *Panther* para atacar no porto de Agadir. Pressionada por Inglaterra, que queria evitar o conflito, França cedeu a Alemanha parte do Congo em troca do direito de agir em Mar-

rocos. Ainda que o conflito não tivesse explodido nesse momento, a porta de entrada à Grande Guerra já tinha sido aberta.

As causas imediatas à Primeira Guerra Mundial

As causas imediatas do conflito bélico encontram-se na disputa territorial das potências europeias que estão a dividir-se o mundo. Mas de forma sintética podemos enumerar alguns acontecimentos mais marcantes:

- O desejo da França por recuperar os territórios de Alsácia e Lorena, arrebatados por Alemanha em 1871, e o crescente repúdio popular francês às políticas de germanização desses territórios.

- A Polônia está dividida entre Rússia, Áustria e Prússia. A administração austríaca tolera o nacionalismo polaco, porém não a prussiana, que impõe a germanização de seu território. Por sua parte, Rússia apoia o nacionalismo polaco para que toda Polônia se unificasse e se unisse ao território russo. Mas Pilsundski, o líder polaco dos nacionalistas, agia no território austríaco contra a Rússia, gerando a desconfiança desse império.

- As guerras balcânicas: Na primeira guerra balcânica (1912), Sérvia, Bulgária, Grécia e Montenegro associaram-se para derrocar o império turco. Depois da guerra, Grécia assumiu Creta e as ilhas do Mar Egeu. Sérvia ficou com Macedônia, e Bulgária procurou uma saída pelo território Turco rumo ao mar Egeu. Na segunda guerra balcânica (1913) Bulgária atacou Sérvia e esta foi defendida por Grécia, Romênia, Montenegro e Turquia. No fim do conflito Albânia se tornou independente e Bulgária perdeu parte de seu território para Grécia e Romênia. Alemães, austríacos, italianos e russos apoiaram uma ou outra nação, alimentando o ódio e as rivalidades entre eles.

- Diante dessas rivalidades, as nações entraram numa carreira armamentista sem precedentes: direcionaram a produção industrial à produção de armas e de artefatos bélicos; aumentaram o tempo para o serviço militar obrigatório para três anos e elevaram o orçamento do exército. De entre todas as nações a se armarem, sobressaiu Alemanha. Ela criou uma frota maior do que a frota Inglesa, e construíram submarinos. Tal fato fez entrar os franceses e os ingleses em pânico.

- O crescimento da indústria alemã e a substituição dos produtos ingleses pelos alemães no mercado europeu e colonial.

- O dia 28 de junho de 1914, o sérvio Gavrilo Princip, um jovem membro de um grupo liberal radical assassinou o arquiduque herdeiro ao trono austríaco, Francisco Ferdinand de Habsburgo e a sua esposa, em Sarajevo. O imperador alemão Kaiser Guilherme II, o Chanceler Bethmann-Hollwed e o exército viram nessa ação uma boa oportunidade para modificar a situação pela via militar, e instigaram Áustria a que respondesse de forma rápida e contundente. O governo austríaco ocultou sua atividade tentando influenciar a opinião pública inglesa para que o país se negasse a entrar em guerra contra Alemanha. O dia 23 de julho, Áustria lançou um ultimato a Sérvia em termos tão rigorosos que tiveram que rejeitá-lo. Áustria pretendia passar por um processo diplomático no qual esperaria a resposta de Sérvia, romperia relações, e mobilizaria o exército. Mas Alemanha pressionou para que a declaração de guerra fosse imediata, e esta aconteceu no dia 28 de julho de 1914, um mês depois do atentado.

De entrada, os alemães ficaram confiantes, pensando em que a vitória viria rápida e contundente, como na guerra com a França, em 1870, quando Guilherme I, rei da Prússia e seu Ministro Chefe de Governo Otto Von Bismarck conseguiram derrocar a Napoleão III e unificaram a Alemanha arrebatando dos franceses os territórios de Alsácia e Lorena. Mas os

alemães não faziam idéia de que todas as potências, unidas por alianças militares, responderiam à agressão. A verdade é que o conflito se generalizou imediatamente: A Rússia interveio em favor da Sérvia contra a Áustria.

Alemanha declarou guerra a Rússia e a França, e quando os alemães invadiram Bélgica, a Inglaterra entrou no conflito. Contudo, logo depois da guerra franco-prussiana, os alemães tinham idealizado o *plan Schlieffen*, com a ideia pré-concebida de atacar a França antes que os russos tivessem tempo de organizar-se, e assim, neutralizados os franceses, os alemães pudessem centralizar seus esforços contra os russos. Esse projeto, idealizado em 1891 pelo Geral Moltke comprova que os alemães eram conscientes de que em qualquer momento um conflito de índole internacional poderia estourar, e, no entanto, quando precisaram por em prática esse plano de ataque, não o aplicaram com exatidão e nem contaram com a resistência persistente dos franceses, no entanto o plano fracassou.

Por outro lado, a França também tinha um plano de ataque caso fosse invadida, o Plano XVII do Geral Joffre, que consistia em colocar-se na ofensiva a todo custo, porém tiveram que colocar-se na defensiva para frear o rápido avanço alemão, e também fracassaram na tentativa de fazer uma guerra rápida.

Perante o fracasso dos dois planos, a guerra tornou-se uma total carnificina onde se tentava vencer o inimigo destruindo os exércitos na frente de batalha, desgastando sua resistência nas trincheiras ou nas cidades sitiadas e dividindo suas forças abrindo frentes secundárias de ataque.

As alianças no conflito

Os dois grupos em combate constituem as duas alianças nas que se dividem os países da Europa beligerante. Alemanha e Austro-Hungria, contra a *Tríplice Entente* (Inglaterra, França e Rússia). Logo depois de estourado o conflito, Sérvia, Bélgica e Japão uniram-se à Entente em 1914; Itália, em 1915; Romênia e Portugal, em 1916 e Grécia e os Estados Unidos, em 1917, ano da saída da Rússia, que teve sua própria revolução. Apoiando à Tríplice Aliança (Áustria-Hungria, Alemanha e Turquia), Bulgária entrou no conflito em 1915.

O tamanho da população das nações em conflito fez a diferença desde o começo da guerra, pois a Tríplice Entente e seus aliados somavam mais de 238 milhões de habitantes, enquanto que os aliados ao Império Austro-Húngaro chegavam somente a 120 milhões, e eles tiveram que dividir-se, lutando em duas frentes.

Estrategicamente, a Tríplice Aliança formava um bloco compacto, no centro da Europa. Por isso são conhecidos como Impérios Centrais, enquanto que seus inimigos estavam dispersos pelo resto da Europa. Cada um desses dois blocos fará alianças com outros países para aumentar seu poderio militar em troca de possessões territoriais. Por exemplo, o Japão entrará na guerra em 1914 com a intenção de ficar com as fábricas alemãs na Ásia. Itália lutou pelos aliados com a promessa de adquirir territórios na costa Austríaca, e assim, todos os países europeus estarão imersos na sangria da guerra, exceto os Países Escandinavos, Suíça, Holanda e Espanha, que permaneceram neutros.

AS ETAPAS DA GUERRA

A guerra de movimentos (até dezembro de 1914): Na frente ocidental os alemães tentaram chegar à França através da Bélgica, segundo o plano Schlieffen, mas os franceses ofereceram uma resistência acérrima no rio Marne, paralisando a ofensiva alemã e iniciando a guerra de trincheiras. Na frente oriental, os russos foram derrotados pelos alemães em Tanneber, porém Áustria foi derrotada em Lemberg deixando Sérvia para a Entente.

A guerra de posições (dezembro de 1914 a fevereiro de 1916): Ao frear seu avanço para França, os alemães e os franceses entravam o combate nas trincheiras. Esta é uma guerra de desgaste, onde se põe a prova não só a resistência dos soldados refugiados nas trincheiras, mas também a capacidade dos exércitos de abastecer seus homens. É um tipo de batalha sanguinária, que dizima as tropas submetidas ao fogo da metralhadora, e que impõe sofrimentos desumanos como a morte por inanição, por desidratação, por disenteria, gangrena, congelamento ou cansaço.

A principal batalha de trincheiras aconteceu em Verdún, onde os franceses detiveram o avanço alemão, enquanto que os ingleses ganhavam a batalha naval de Jutlandia e os alemães fracassavam na sua tentativa de impedir que a Entente conseguisse um passo através da Turquia até a Rússia.

O ano de 1917: Neste ano mudou radicalmente a história da guerra. Estados Unidos entrou na disputa com o pretexto da Alemanha ter afundado alguns de seus navios no Atlântico. A intenção da Alemanha era cortar os subministros da Inglaterra e da França. A entrada norte-americana desestabilizou os impérios centrais, pois os americanos chegaram a Europa com homens, material e munição. No leste, a Rússia saiu da guerra em novembro, depois da Revolução Bolchevique ter vencido, e assinou a paz como o Tratado de *Brest-Litovsk*.

O fim da guerra (1918): A saída da Rússia fortaleceu os alemães que puderam centralizar seus esforços na frente ocidental. Os aliados europeus, comandados pelo Geral Foch tiveram que concentrar-se em resistir, até a entrada dos norte-americanos, que forçaram a derrota alemã em Montdiedier, a rendição dos Generais Hindenburg e Ludendorff e a fuga do Kaiser Guilherme II.

No dia 9 de novembro os alemães proclamam a República de Weimar, e no dia 11 de novembro firmou-se o armistício no bosque de Compiègne, último lugar tomado pelos alemães antes da chegada norte-americana.

A guerra nos bastidores: Os governos procurarem a guerra e investirem nela não significa que os cidadãos também desejem e apoiem o conflito. A *União Sagrada* foi o nome que os governos deram ao movimento político-repressivo responsável por calar a desistência interior, caçar os possíveis traidores e reprimir partidos e sindicatos que pudessem se opor à guerra dentro dos próprios países.

Como mecanismo para promover e exaltar o patriotismo e elevar a moral dos cidadãos, assim como para destruir a moral dos inimigos, os países praticaram a guerra de propaganda. O endividamento para os países beligerantes foi comum. França, por exemplo, endividou-se inicialmente com 2.500 milhões de francos e no final da guerra, já devia 75.000 milhões, principalmente aos Estados Unidos.

A guerra também paralisou a economia, pois os países tiveram que centralizar todos seus esforços produtivos para abastecer as frentes. Para realizá-lo, os estados assumiram o controle da economia, fortaleceram a indústria armamentista, e organizaram o racionamento dos alimentos para alimentar a população.

Consequências da I Guerra Mundial

As consequências da guerra foram dramáticas em todos os âmbitos. Houve muitas mortes, elas contabilizaram-se aos milhões (mais de 10 milhões). Alemanha perdeu 1.800.000 homens 12% de sua população masculina com idades entre 15 e 50 anos. Grã Bretanha, 750.000 soldados. Rússia, mais de 3.000.000 soldados. Com eles devemos considerar ainda a quantidade de soldados de outros países mortos e a quantidade dramática de civis massacrados. Milhões de pessoas feridas e incapacitadas para o trabalho e outros milhões obrigados a migrar fora de suas cidades; incontáveis famílias divididas e destruídas pela guerra; órfãos vagando solitários pelas cidades, pessoas mutiladas, crianças órfãs, fome e

doenças advindas da insalubridade, grupos ressentidos e radicalizados de ex-combatentes, inadaptados à vida civil e desempregados foram também dramas humanitários resultantes do confronto.

Economicamente as perdas também foram gigantes. Os bombardeios tiveram como alvos estratégicos a infraestrutura ferroviária, as estradas, os centros de produção e as fábricas, as pontes e os centros de governo. França e Inglaterra foram os países mais devastados, perdendo até 30 % de suas riquezas. Alemanha perdeu 22%.

Todos os países aliados endividaram-se com os Estados Unidos. Para poder pagar as contas e reconstruir seus países, os governos decretaram racionamento e a inflação cresceu na Europa junto com a fome dos seus habitantes.

A guerra trouxe importantes transformações sociais como, por exemplo, o acesso das mulheres a empregos antes considerados exclusivos dos homens, pois o esforço da guerra incluiu a aceleração da produção armamentista e de produtos para os combatentes, na qual as mulheres tiveram que preencher a ausência dos homens que estavam na front. Isso possibilitou que, ao chegar à paz, as mulheres tivessem mais acesso ao mundo laboral.

Politicamente também houve consequências importantes, como a queda da hegemonia europeia e o surgimento de outras potências, como Estados Unidos, Japão e pouco depois, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Os tratados de paz – Os tratados de paz foram preparados e impostos pelos vencedores: o presidente Clemenceau impôs-se intransigentemente sobre Alemanha, pois a França fora o país mais prejudicado pela guerra. Lloyd George fará o mesmo em nome da sua Inglaterra, porém com menos dureza.

O Presidente Orlando, da Itália e o presidente Wilson, dos Estados Unidos também imporão suas próprias condições para os alemães, porém com maior flexibilidade. Wilson, aliás, é o responsável por construir os princípios em torno dos quais haverão de serem preparados os diferentes tratados de paz. O documento que ele apresenta chama-se *Os Quatorze Pontos de Wilson*. Ali destaca sua crítica ao sistema de alianças secretas que levava à guerra, a necessidade do livre trânsito pelas águas internacionais e da redução dos obstáculos ao comércio marítimo internacional. Os pontos mais importantes são os que dizem relação à formação de novos Estados sob o critério da língua e à necessidade de potencializar os regimes democráticos. Onde houvesse 55% da população falante de uma língua predominante, haveria de formar-se um novo Estado, prévia realização de um referendo popular.

Vamos agora entender um pouco sobre os Tratados de Versalhes, Saint-Germain, Neuilly, Trianon, Sevres, Sociedade das Nações.

A paz com Alemanha – O tratado de Versalhes (28-06-1919): Foi o mais importante dos tratados assinados, e o mais humilhante para o país vencido, pois Alemanha foi considerada a única responsável pela guerra. Territorialmente, Alemanha perdeu Alsácia e Lorena para os franceses, Eupen e Malmedy para os Belgas, uma parte da Prússia Oriental, Danzig e Memel para a Polônia ter saída ao mar.

Militarmente Alemanha também foi punida. O Exército alemão não poderia ter mais de 100.000 homens, ficaria abolida a obrigatoriedade do serviço militar.

Também se criou uma zona de segurança administrada pelos aliados, a zona do Rio Rijn, para garantir a segurança da França que, além do mais, durante 15 anos teria direito para explorar a zona carbonífera do Sarre. Alemanha foi obrigada também a pagar uma indenização de guerra que sobre passou os 220 milhões de marcos, metade dos quais devia pagar a França. Como Alemanha não conseguiu pagar, a França invadiu a região carbonífera do Ruhr. É lógico que,

diante da humilhação desse tratado, chamado pelos alemães de Edito de Versalhes, os ânimos aumentaram e a vontade de vingança cresceu. No Tratado de Versalhes estava-se semeando a semente da Segunda Guerra.

A paz com Áustria – O tratado de Saint-Germain (10-09-1919): Na realização deste tratado, os aliados consideraram a possibilidade real deste país se unir a Alemanha, pois falavam a mesma língua. Por isso as punições geográficas foram bem mais radicais do que as impostas a Alemanha, e o país foi reduzido a um pequeno território povoado por oito milhares de pessoas. A esta política deu-se o nome de *Anschluss*, e apesar de ser apoiada no seu objetivo pelas nações vencedoras, criou tensões na distribuição dos territórios, pois França e Itália viram-se desfavorecidos.

Galícia (A Galícia dos Cárpatos) foi entregue à Polônia. Boemia e Moravia passaram ao novo Estado de Checoslováquia, um país formado artificialmente para cercar Alemanha pelo sul. O território da Bucovina passou a fazer parte da Romênia, Itália ficou com o Trentino e Istria, situada ao norte da Itália, porém de população alemã. A Yugoslávia, nascida da Servia, foi dividida entre Eslovênia, Bósnia e Dalmácia.

A paz com Bulgária – O tratado de Neuilly (27-11-1919): A punição para Bulgária foi ceder territórios da Macedônia para Iugoslávia, principalmente a costa norte com o Mar Negro. Dobruja foi cedida a Romênia, e os territórios do Egeu ficariam com Grécia e com Turquia, deixando a Bulgária sem saída para o mar.

A paz com Hungria – O tratado de Trianon (04-06-1920): O império austro-húngaro foi desmembrado e Hungria foi considerada um território independente da Áustria, ficando reduzida a um pequeno território povoado por pouco mais de sete milhões de habitantes, pois teve que ceder Croácia para Yugoslávia, Transilvânia para a Romênia e Eslováquia para Checoslováquia.

A paz com Turquia – O tratado de Sevres (11-08-1920): Turquia foi, depois da Alemanha, o país com maior perda territorial. Ela reduziu-se praticamente à cidade de Istambul e suas proximidades. Seus territórios na Ásia (Síria, Mesopotâmia – a atual Irak- e Arábia) passaram a ser administrados por França e Inglaterra. Armênia conseguiu sua independência e Esmirna passou a ser parte do território grego. Grécia, além do mais, exigiu de Turquia o direito à livre navegação nos estreitos do Bósforo e Dardanelos, para ter acesso ao mar Negro.

Pouco tempo depois, Mustafá Kemal Atatürk proclamou a República Leiga de Turquia, expulsou os gregos de Esmirna e exterminou os armênios, tudo para fundar uma nova Turquia, que será reconhecida internacionalmente no tratado de Lausanne, em 1923.

A Sociedade das Nações (SDN): Sua fundação foi proposta no ponto 14, do escrito do presidente Wilson, e sua realização foi incluída no Tratado de Versalhes. A antecessora da ONU tinha o objetivo de evitar qualquer outro conflito armado através da intervenção de uma Assembleia que julgaria e decidiria sobre os litígios internacionais e de um Conselho formado por nove países, cinco fixos e quatro eleitos pela Assembleia. Além do mais, a SDN teria uma comissão representativa no Tribunal Internacional da Haya.

Outros objetivos da SDN eram administrar o corredor de Danzig e gerenciar colaborações econômicas e humanitárias a nível internacional. A SDN não sobreviveu à década dos vinte.

CONDE, Gerardo Acerves. A Primeira Guerra Mundial. Faculdades INTA, 2006. Disponível em: <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-contemporanea/#/unidade-cinco> . Acesso em: 22 de abril de 2020.